

Reportagem Especial

MULHERES NO CRIME

Rainhas comandam bandos e ordenam assassinatos

É crescente o número de mulheres chefiando quadrilhas. Elas assumem o tráfico de drogas e até ordenam execuções de rivais

Érica Vaz

Nem donas de casa, nem atuantes no mercado de trabalho. Cada vez mais, mulheres estão assumindo o cargo de comandantes de quadrilhas, colocando a família para trabalhar no crime e liderando os negócios do tráfico com mãos de ferro.

“Elas estão assumindo um espaço que era dos homens e com a mesma disposição para manter o poder na região onde moram”, revela o delegado Orly Fraga Filho, titular da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória.

Somente no decorrer do mês de junho, 22 mulheres foram presas em operações realizadas pela Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), o que representa um aumento de 40% se comparado aos números registrados no mesmo período do ano passado.

“A ambição é proporcional ao risco. Atraídas pelo dinheiro, o envolvimento de mulheres com o tráfico aumentou. O número de prisões é um reflexo dessa realidade”, afirma o titular da Deten, Ademir da Silva Pinto.

E, no Espírito Santo, esse aumento tem sido gritante. Dados da Secretaria de Estado da Justiça



FOTOS: FÁBIO NUNES/AT

NA PENITENCIÁRIA feminina, em Tucum, 600 mulheres estão presas, sendo a maioria por tráfico de drogas

(Sejus) mostram que no Estado, o índice de mulheres encarceradas é maior que a média nacional. Enquanto no País 6,3% da população carcerária é feminina, no Espírito Santo é mais que o dobro: 13%.

Atualmente, mais de mil mulheres estão presas no Estado, sendo 600 em Tucum. Em 80% dos casos, por tráfico e drogas.

Para o delegado da Deten, a ma-

neira de agir das mulheres se assemelha a dos homens, já que muitas delas apenas cumprem ordens dos maridos que estão presos.

“É como se elas tivessem um chefe oculto. E o resto da quadrilha passa a respeitar com medo de morrer porque elas são instruídas a eliminar qualquer pessoa que esteja ameaçando os negócios da família”, afirma o delegado, que re-

centemente prendeu em Fundão uma traficante acusada de vários homicídios nas regiões de Praia Grande e Nova Almeida.

“Ela liderava uma gangue de oito pessoas, sendo que quatro eram mulheres. Já mandou matar os inimigos, como também já pegou em arma para tentar eliminar um concorrente do tráfico”, conta Ademir da Silva Pinto.

Maioria entra no crime por “amor”

Para mulheres que se envolvem com o tráfico, a cobiça não é somente por dinheiro. Poder, status e regalias também estão em jogo.

“Conheço várias mulheres que começaram a traficar para tentar descolar um namorado bonito. Assim como tem muitas meninas de

olho no dinheiro do traficante, o inverso também acontece”, revela uma presidiária de 37 anos, que preferiu não se identificar.

Recentemente, o titular da Deten, Ademir da Silva Pinto, prendeu uma mulher de 52 anos de idade acusada de chefiar uma bo-

ca-de-fumo em Vitória, e se surpreendeu ao descobrir quem era o companheiro dela. “O namorado é um garoto de 16 anos, que a ajudava no tráfico”, afirma.

Para a defensora pública Elizabeth Haddad, as mulheres são facilmente cooptadas pelo parceiro.

“É impressionante como a maioria é levada por esse caminho a partir de um relacionamento amoroso. Elas acham que, ao namorar um traficante, vão ter acesso a um mundo de consumo e status que nunca experimentaram antes”, observa a defensora.

Já para Cristal Carvalho, produtora que gravou um documentário dentro da Penitenciária Estadual Feminina em Tucum, Cariacica, as mulheres estão deixando de ser coadjuvantes no tráfico.

“Quando esse companheiro é preso ou morto, elas assumem o controle, como herdeiras. E quando são os cérebros do esquema, costumam ser mais articuladas e eficientes que os homens”, avalia.

O QUE ELAS DIZEM

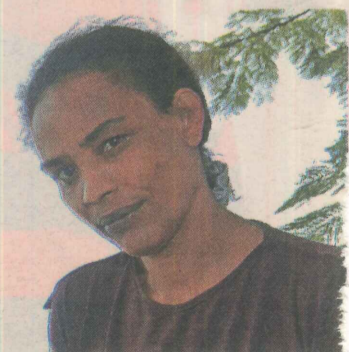


Negócios do marido

“Depois que meu ex-marido foi preso, assumi os negócios com a ajuda dele, trazendo pasta base da Bolívia para Vila Velha.

Mas após uma traição, cortei relações com ele e passei a fazer tudo sozinha. Mas não deu certo e acabei sendo presa há um ano, junto com um namorado e dois amigos meus, mas assumi tudo e peguei 15 anos de cadeia.”

Ingrid Melo Pinheiro, 26 anos, presa por tráfico de drogas



Perdão da filha

“Fui presa por fazer coisas erradas, sou ré confessa. No dia da prisão, estava usando e vendendo drogas no centro de Vitória.

Cheguei a me casar, tive uma filha, mas todos me deixaram. Tudo que eu ganhava traficando era para manter meu vício e pagar a conta do hotel onde eu dormia. Um dia, espero ter o perdão da minha filha.”

Rosilene Felício, 41 anos, presa por tráfico de drogas

ELIZABETH HADDAD, chefe da Defensoria Pública, diz que a maioria das mulheres é levada ao mundo do crime por causa de seus parceiros



FÁBIO NUNES - 21/02/2008

MULHERES NO CRIME

“Estava em busca de dinheiro fácil”

Aos 37 anos de idade, tudo que ela mais deseja é esquecer o passado. Mas enquanto continuar dividindo uma cela com mais de 60 mulheres dentro da Penitenciária Estadual Feminina em Tucum, Cariacica, as histórias que a fizeram chegar lá vão continuar muito presentes.

Condenada por tráfico de drogas, a ex-dona de casa prefere não revelar o nome, com medo de futuras represálias. E ela tem muito a dizer sobre a vida que levou.

A TRIBUNA - Como você virou traficante?

DETENTA - Nasci e cresci em um dos bairros que fazem parte da região de Primeiro de Maio, em Vila Velha. Na rua onde eu morava, quase todo mundo tinha algum envolvimento com vendas de drogas. Eu era uma jovem de 22 anos e estava em busca de dinheiro fácil.

Eu sei que existem muitas mulheres que caem nessa vida por causa do marido, mas eu fui por vontade própria (risos).

> E ser mulher ajudou no mundo do tráfico?

Antes, era mais fácil. Ser mulher ajudava porque policial não dava tanta batida em mulheres como hoje. Cansei de passar perto de viaturas da PM carregada de drogas pelo corpo e nunca fui parada. Podia transportar drogas com mais facilidade. Mas hoje isso mudou. Muita mulher caiu (foi presa) por achar que passariam batidas pelos policiais.

> E você tirava muito dinheiro da venda de crack?

No mínimo R\$ 4 mil por semana. Fiquei um ano vendendo antes

de ser presa, só para os “noiados” (viciados) da região. Com o dinheiro, comprava roupas, cuidava de cabelo, almoçava sempre em restaurante, andava de táxi. Estava sempre nos bailes.

> Porque que você acha que tantas mulheres estão traficando?

A maioria faz por pura vaidade. Além do mais, mulher que tem dinheiro e poder só pega homem bonito. Pode escolher o cara com quem vai namorar.

Prova disso é uma traficante que conheço. Ela é feia demais, mas vai ver o namorado dela, que gato! Só consegue porque tem dinheiro, e ela tem muito. Traficante também quer andar bonita, cheia de ouro.

Só para se achar, ter conceito dentro do movimento.

Eu nunca precisei namorar um para vender, pois conseguia droga boa direto da fonte. Mas tinham respeito por mim. Ninguém caçava briga comigo com medo de eu mandar matar, mas nunca precisei mandar.

> E as outras, mandavam?

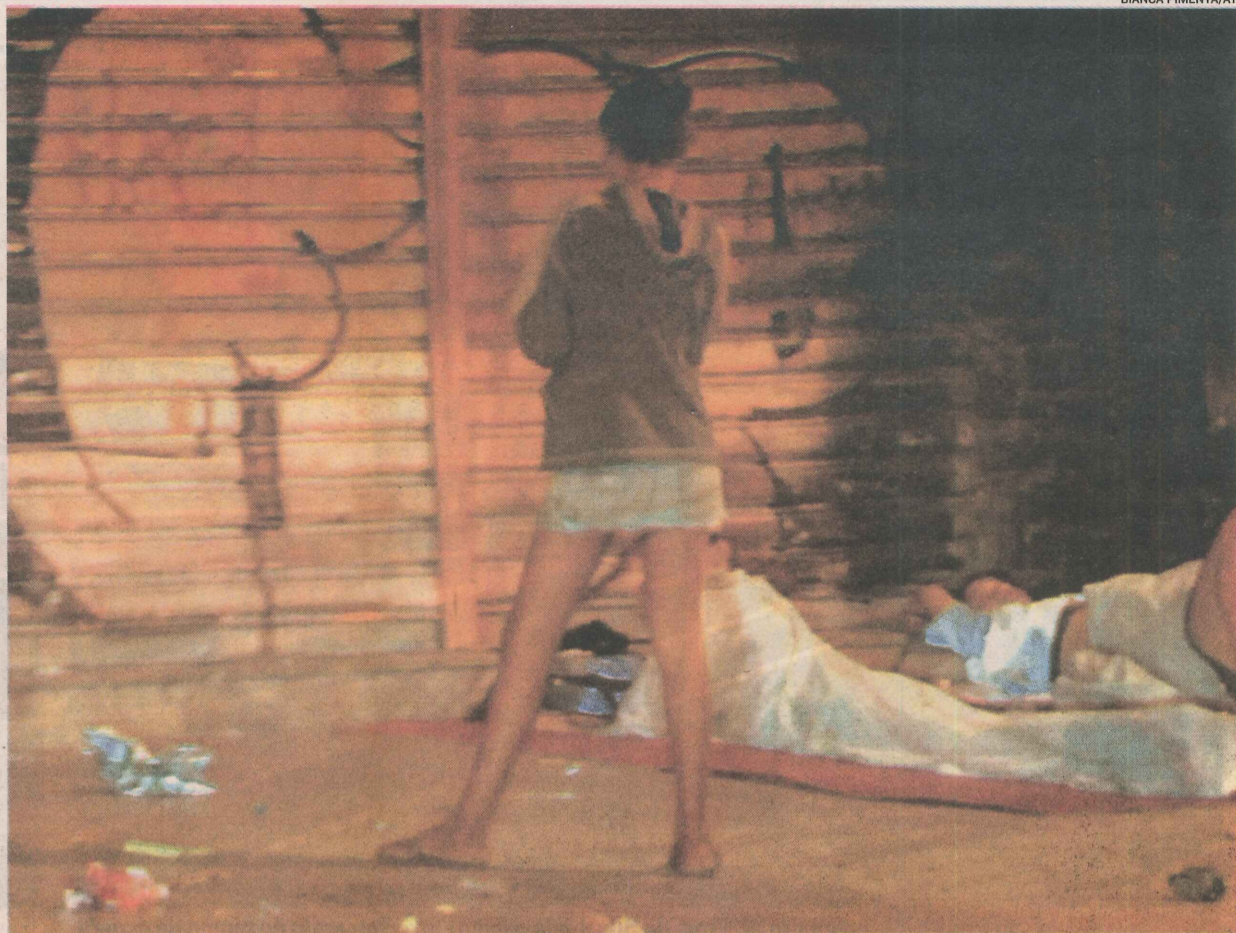
Toda vida. E mulher quando quer ser ruim... São muitas pessoas trabalhando para elas. A maioria não pega em armas e só anda acompanhada de pelo menos três homens. Tem quem faça isso por elas. E outra: tem muita mulher passando a perna nos homens, viu? Quando eles vão presos, elas usam a credibilidade do marido para comprar droga, largam ele e começam uma “parada” só delas.

> Tinha medo de morrer?

Sim. Na esquina onde eu vendia, quem não virou crente, já morreu. Talvez eu ainda esteja viva porque fui presa.

“Na esquina onde eu vendia, quem não virou crente, já morreu. Talvez eu esteja viva porque fui presa”

DETENTA DE 37 ANOS



GAROTAS que vivem nas ruas têm contato muito cedo com as drogas e a maioria acaba detida por uso ou tráfico

Meninas começam cedo no tráfico

A presidiária Rosilene Felício, 41 anos, só conseguiu ter o primeiro emprego na vida aos 35 anos de idade. Ela tinha acabado de sair da Penitenciária Estadual Feminina em Tucum, em uma das várias vezes que foi presa, e conseguiu uma vaga de bordadeira em uma loja de luxo na Praia do Suá, em Vitória.

Nove meses depois, já estava de volta às ruas, consumida pelo vício

que a acompanhava desde a infância. “Perdi minha mãe aos 12 anos, e meu pai nunca cheguei a conhecer. Minha vida sempre foi na rua, fumando crack”, afirma.

Muitas mulheres que estão presas hoje tiveram contato com o mundo das drogas bem cedo, assim como Rosilene.

De acordo com dados do Instituto de Atendimento Sócio-Educativo do Espírito Santo (Iases), 65% das adolescentes que tiveram passagem pela Unidade Feminina de Internação (UFI) este ano foram levadas para lá por causa do tráfico e crimes ligados às drogas.

O roubo aparece em segundo lugar como motivo de internação, com 14%, seguido por furto e homicídio, com 7% cada. Atualmente, 29 meninas cumprem medida

socioeducativa de internação, e 19 cumprem medida socioeducativa de internação provisória.

“São meninas que pararam de estudar ainda no ensino fundamental e que, sem apoio da família, infelizmente, vão voltar para a rua”, revela Izabel de Lourdes Lima, gerente da UFI, única unidade feminina de internação do Estado localizada em Cariacica.

Assim como as mulheres, as adolescentes também são atraídas pelo dinheiro.

“É o sonho do consumismo aliado ao incentivo do próprio namorado. Elas acabam abandonando as famílias para ficar com esses meninos e, quando são abandonadas, ficam pelas ruas. Em alguns casos até se prostituindo”, alertou Izabel de Lourdes.

OS NÚMEROS

65%

das adolescentes que passam pela Unidade Feminina de Internação (UFI) são usuárias ou traficantes de droga

O QUE ELAS DIZEM

FÁBIO NUNES/AT



Saudade dos filhos

“Fui sentenciada a seis anos de prisão por causa de um cunhado que traficava na casa onde a família morava. Fui acusada de receber drogas para ele na minha loja de noivas, que tinha aberto no centro de Vitória.

Até hoje não sei como ele conseguiu me envolver. A pior coisa de estar presa é pensar nos meus filhos do lado de fora.”

Patrícia Corrêa da Silva, 33, presa por tráfico de drogas

FÁBIO NUNES/AT



Novo julgamento

“Namorava há seis meses com um homem e sabia que ele era usuário de drogas e traficava, mas nunca me envolvi. Porém, a polícia achou na garagem do meu prédio uma mochila com 78 papérolas de cocaína.

Fui condenada a 10 anos, mas consegui anular a sentença. Espero provar que não era dona da droga no novo julgamento.”

Elvira Ferreira Maia, 27 anos, presa por tráfico de drogas

Mais tempo dentro da cadeia

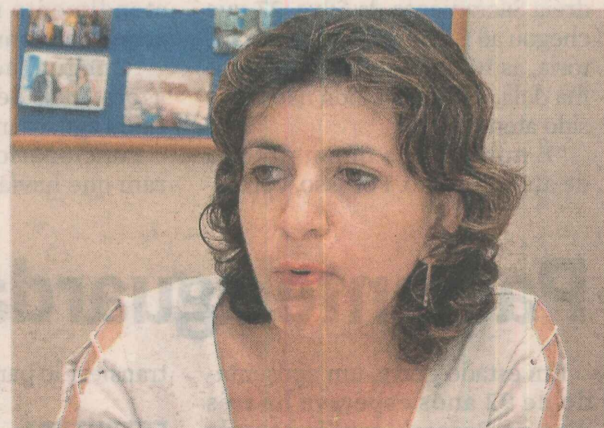
Mulheres envolvidas com o tráfico de drogas estão passando mais tempo nas cadeias e presídios no Estado. De acordo com o coordenador de projetos em execução penal da Defensoria Pública, Saulo Ribeiro, um dos motivos é a nova Lei Antitóxicos (nº 11.343/2006), que aumentou sensivelmente a pena para quem é autuado por tráfico de drogas.

“Hoje, uma pessoa pode pegar até 15 anos por tráfico de drogas e aumentou o tempo para conseguir progressão de regime. Um exemplo: se for condenado a 10 anos por tráfico, deve-se cumprir quatro anos se for réu primário e seis anos se for reincidente, antes de pedir qualquer benefício”, explica o coordenador, que afirma que muitas mulheres não têm consciência da gravidade dos seus atos.

“Elas acham que por não terem matado ou roubado uma pessoa não mereciam pena tão longa.”

No mês passado, a Defensoria Pública realizou um mutirão para

QUÉSIA Oliveira diz que mulheres viciadas em drogas têm mais chance de voltar para o crime ao saírem da prisão



atender a população carcerária feminina do Estado, onde foram pedidos mais de 200 habeas corpus, que ainda estão sendo julgados. “Noventa por cento delas não têm condições de pagar por um advogado”, afirma Saulo.

Além do aumento da pena, outro motivo que tem levado as mulheres a permanecer mais tempo na cadeia é a reincidência.

De acordo com a diretora de res-

socialização da Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), Quésia da Cunha Oliveira, a secretaria não tem estatística sobre a questão, mas há um indicador.

“As ocorrências de furtos por mulheres viciadas, por exemplo, têm crescido bastante. As que são dependentes químicas têm mais chances de voltar ao crime quando saírem da cadeia. O tráfico não exige aparência ou escolaridade.”